

# Elias - Número Cinco

## *Silêncio Profético*

Jeff Pippenger

2023-10-03

Quando Elias fez com que Acabe convocasse todo Israel ao Carmelo, isso prefigurou Deus tirando a igreja da Idade das Trevas em 1798, após três anos e meio de perseguição, e conduzindo-a a 1844 e, depois, a 1863. Essas três datas são os três marcos finais da estrutura dos "sete tempos", conforme exposto por Isaías no capítulo sete.

A mesma história de 1798, 1844 e 1863 também foi tipificada quando Moisés conduziu os filhos de Israel para fora da escravidão do Egito até o Monte Sinai. As histórias do primeiro e do segundo anjos representam o movimento milerita, que começou no tempo do fim em 1798 e continuou até que o movimento se tornasse uma igreja em 1863. Elias e Moisés são as duas testemunhas principais da história milerita, e são as duas testemunhas principais no livro do Apocalipse durante a história do terceiro anjo.

O movimento milerita marca o início do evangelho eterno de Apocalipse 14, e Future for America marca o fim. Entre o movimento inicial dos mileritas e o movimento final, encontramos a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Segundo historiadores da Igreja Adventista, em 1856 o remanescente do movimento milerita entrou na condição laodiceana, encerrando assim o período filadelfiano, que correspondia ao período de 1798 a 1856.

No artigo anterior, demonstramos que a inspiração alinhou o desapontamento da travessia do Mar Vermelho com o Grande Desapontamento de 1844. Nesse ponto, a prova do sábado, representada pelo maná, surgiu na história de Moisés. No mesmo ponto profético, a luz que veio do Lugar Santíssimo iniciou um processo de prova e purificação, começando pelo sábado, para aqueles que haviam atravessado o mar e entrado pela fé no Lugar Santíssimo. O processo de prova que precedeu 1844 começou na história de Moisés em seu nascimento e, para os mileritas, em 1798, com o aumento do conhecimento que Daniel identificou, o qual produziria um processo de prova em três etapas que conduziria ao juízo.

Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os ímpios agirão impiamente; e nenhum dos ímpios entenderá; mas os sábios entenderão. Daniel 12:10.

A abertura do juízo em 22 de outubro de 1844 foi tipificada pelo juízo sobre Faraó, começando pelos primogênitos do Egito e terminando nas águas do Mar Vermelho. Uma vez que os sábios entraram, pela fé, no Lugar Santíssimo, ou atravessaram o Mar Vermelho, o processo de provas que havia começado no tempo do fim em 1798 continuou além de 1844. Na história de Moisés, isso foi representado por dez provas, nas quais Israel falhou a cada passo. A última das dez provas foi quando os doze espias espriaram a Terra Prometida. A primeira prova na história de Moisés foi a prova do maná, que representa o sábado, e, para os mileritas, o sábado foi identificado como a primeira prova após 22 de outubro de 1844. Sendo o sábado a primeira prova em ambas as

histórias paralelas, as nove provas seguintes na história de Moisés indicam que, no período pós-1844, haveria uma série de provas que levariam à entrada na Terra Prometida ou ao deserto da morte. 1863 representa a prova final para o movimento milerita. Começaremos esta consideração quando os doze espias retornarem com seus relatos da Terra Prometida.

E voltaram de espiar a terra ao fim de quarenta dias. E vieram a Moisés e a Arão, e a toda a congregação dos filhos de Israel, no deserto de Parã, em Cades; e trouxeram-lhes notícia, a eles e a toda a congregação, e mostraram-lhes o fruto da terra. E contaram-lhe, e disseram: Chegamos à terra para a qual nos enviaste, e certamente ela mana leite e mel; e este é o seu fruto. Contudo, o povo que habita na terra é forte, e as cidades são muradas e muito grandes; e também vimos ali os filhos de Anaque. Os amalequitas habitam na terra do sul; os heteus, os jebuseus e os amorreus habitam nas montanhas; e os cananeus habitam junto ao mar e ao longo do Jordão. Então Calebe fez calar o povo diante de Moisés e disse: Subamos já e a possuamos, porque somos bem capazes de vencê-la. Porém os homens que subiram com ele disseram: Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós. E trouxeram um mau relatório da terra que tinham espiado perante os filhos de Israel, dizendo: A terra pela qual passamos para espia-la é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela é gente de grande estatura. E vimos ali os gigantes, os filhos de Anaque, descendentes dos gigantes; e éramos, aos nossos olhos, como gafanhotos, e assim também éramos aos olhos deles. Números 13:25-33.

Esta passagem de Números contém algumas verdades muito importantes às quais devemos atentar, que podem ser facilmente negligenciadas quando não se considera a história ali representada como tipificando o movimento milerita. Um ponto é que os rebeldes com o "mau relato" estavam fracassando em sua décima e última prova, e nessa prova final manifestaram-se duas classes de pessoas. As duas classes que vinham se formando ao longo da história das nove provas anteriores manifestaram seus caracteres com base em qual "relato" escolheram aceitar. Em 1863, o adventismo milerita rejeitou o relato de Moisés conforme representado pela profecia da escravidão em Levítico vinte e seis. O relato apresentado por Josué e Calebe era simplesmente a repetição do "relato" de Deus ao longo da história de seu livramento da escravidão. Desde o nascimento de Moisés, Deus prometera que os tiraria da escravidão e os levaria para a terra que havia sido prometida a Abraão séculos antes. Josué e Calebe representam aqueles que se firmaram no relato fundamental; os outros dez espias rejeitaram o fato de que Deus realmente havia dado esse relato.

Então toda a congregação levantou a sua voz e clamou; e o povo chorou naquela noite. Todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhes disse: Quem dera tivéssemos morrido na terra do Egito! ou quem dera tivéssemos morrido neste deserto! E por que nos trouxe o Senhor a esta terra, para cairmos à espada, para que nossas mulheres e nossos filhos sejam por presa? Não nos seria melhor voltarmos ao Egito? E diziam uns aos outros: Constituamos um chefe e voltemos ao Egito. Números 14:1-4.

Quando, em 1863, James White escreveu um artigo na Review and Herald rejeitando o entendimento de Miller sobre os "sete tempos", e no mesmo ano Uriah Smith publicou o quadro falsificado que estava desprovido de qualquer referência aos "sete tempos" de Levítico, tanto White quanto Smith puseram de lado a obra de William Miller e adotaram a metodologia bíblica

do protestantismo apóstata. A metodologia dos apóstatas, que eles haviam identificado recentemente como as “filhas de Babilônia”, foi empregada como argumento para rejeitar a mensagem de Miller que fora dirigida pelo anjo Gabriel. No décimo teste para o antigo Israel, eles disseram diretamente: “Façamos um capitão, e voltemos ao Egito.” O fracasso no décimo e último teste baseia-se na rejeição do “relato” que era consistente com o relato desde o princípio, e no desejo de retornar à escravidão do Egito. Quando Jeremias representou simbolicamente aqueles que haviam ficado desapontados com a predição fracassada de 1843, Deus o chamou especificamente a voltar-se a Deus e a retomar seu fervor anterior pela mensagem, mas também lhe ordenou que jamais retornasse àqueles que haviam sido identificados como as filhas de Babilônia.

Portanto, assim diz o Senhor: Se te converteres, eu te restaurarei, e estarás diante de mim; e se apartares o precioso do vil, serás como a minha boca; voltem eles para ti, mas tu não voltes para eles. Jeremias 15:19.

Em 1863, James White e Uriah Smith nomearam um novo capitão para conduzi-los de volta ao lugar para onde lhes havia sido ordenado que não fossem. Josué e Calebe representam os que desejavam avançar; White e Smith representam os que desejavam voltar.

Outro ponto que precisa ser destacado na passagem de Números é que a rebelião final, que condena todos os rebeldes a morrer no deserto pelos próximos quarenta anos, é uma das duas referências principais que estabelecem o princípio de um dia por um ano da profecia bíblica, que foi talvez a regra profética mais essencial que Miller usou para desvendar a mensagem do evangelho eterno e do primeiro anjo. A outra testemunha bíblica dessa regra encontra-se no livro de Ezequiel.

E, quando os tiveres cumprido, deita-te de novo sobre o teu lado direito e levarás a iniquidade da casa de Judá por quarenta dias; cada dia te dei por um ano. Ezequiel 4:6.

O que muitas vezes passa despercebido nos dois versículos que estabeleceram o princípio de um dia por um ano é o contexto histórico de ambos.

Conforme o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia por um ano, levareis as vossas iniquidades, quarenta anos, e conhecereis a minha quebra de promessa. Números 14:34.

O versículo em Números ocorreu no início do Israel antigo e representou a rebelião do povo da aliança de Deus, e o versículo em Ezequiel ocorreu no fim do Israel antigo e representou a rebelião do povo da aliança de Deus. A punição no início foi a morte no deserto e a punição no fim foi a escravidão na terra dos seus inimigos. O princípio de dia por ano enfatiza a rebelião de um povo da aliança. Duas punições, uma no início e outra no fim, mas ambas diferentes. A primeira foi morte gradual enquanto peregrinavam pelo deserto; a última foi cativo e escravidão na Babilônia literal.

Então Moisés e Arão prostraram-se com o rosto em terra diante de toda a assembleia da congregação dos filhos de Israel. E Josué, filho de Num, e Calebe, filho de Jefoné, que estavam entre os que haviam espionado a terra, rasgaram as suas vestes; e falaram a toda a congregação dos filhos de Israel, dizendo: A terra pela qual passamos para a reconhecer é terra

sobremaneira boa. Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra e no-la dará; terra que mana leite e mel. Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor, nem temais o povo desta terra, porque são nosso pão; o seu amparo se retirou deles, e o Senhor está conosco; não os temais. Mas toda a congregação disse que os apedrejassem com pedras. Então a glória do Senhor apareceu na tenda da congregação diante de todos os filhos de Israel. E o Senhor disse a Moisés: Até quando este povo me provocará? E até quando não crerão em mim, apesar de todos os sinais que fiz no meio deles? Feri-los-ei com pestilência e os deserdarei, e de ti farei uma nação maior e mais poderosa do que eles. Mas Moisés disse ao Senhor: Então os egípcios o ouvirão (pois, com o teu poder, fizeste sair este povo do meio deles); e o dirão aos habitantes desta terra, porque já ouviram que tu, Senhor, estás no meio deste povo, que tu, Senhor, és visto face a face, que a tua nuvem está sobre eles e que vais adiante deles, de dia numa coluna de nuvem e de noite numa coluna de fogo. Agora, se matares todo este povo como a um só homem, as nações que têm ouvido a tua fama dirão: Porque o Senhor não pôde introduzir este povo na terra que lhes jurou, por isso os matou no deserto. Agora, peço-te, seja grande o poder do meu Senhor, conforme disseste: O Senhor é longânimo e grande em misericórdia, perdoa a iniquidade e a transgressão, mas de modo algum inocenta o culpado, visitando a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração. Perdoa, rogo-te, a iniquidade deste povo, segundo a grandeza da tua misericórdia, e assim como tens perdoado a este povo, desde o Egito até agora. Números 14:5-19.

A história representada nesses versículos tornou-se um símbolo bíblico chamado “o dia da provocação”. O “dia da provocação” é mencionado no Salmo noventa e cinco, Jeremias trinta e dois e Hebreus três, mas não trataremos desse símbolo neste momento. Há um princípio importante identificado na passagem anterior que precisa ser reconhecido. O princípio também é ilustrado pelo profeta Samuel, Lúcifer, Ellen White e, é claro, Moisés nesta passagem.

E disseram-lhe: Eis que estás velho, e teus filhos não andam nos teus caminhos; constitui-nos agora um rei, para que nos julgue, como todas as nações. Porém esta palavra desagradou a Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei para que nos julgue. E Samuel orou ao Senhor. E o Senhor disse a Samuel: Atende à voz do povo em tudo quanto te disserem; pois não te rejeitaram a ti, mas a mim, para que eu não reine sobre eles. Conforme todas as obras que têm feito desde o dia em que os tirei do Egito até hoje, deixando-me e servindo a outros deuses, assim também fazem contigo. Agora, pois, atende à sua voz; porém adverte-os solenemente e declara-lhes o direito do rei que há de reinar sobre eles. Então Samuel referiu todas as palavras do Senhor ao povo que lhe pedia um rei. E disse: Este será o direito do rei que há de reinar sobre vós: Tomará os vossos filhos e os destinará para si, para os seus carros e para serem seus cavaleiros; e alguns correrão adiante dos seus carros. E os porá por capitães de mil e capitães de cinquenta; e os encarregará de lavrar a sua terra e de ceifar a sua colheita, e de fabricar os seus instrumentos de guerra e os aparelhos dos seus carros. Também tomará as vossas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras. Tomará os vossos campos, e as vossas vinhas, e os vossos olivais, até os melhores, e os dará aos seus servos. Tomará o dízimo do vosso grão e das vossas vinhas, e o dará aos seus oficiais e aos seus servos. Tomará os vossos servos e as vossas servas, e os vossos melhores jovens, e os vossos jumentos, e os empregará no seu trabalho. Tomará o dízimo das vossas ovelhas; e vós sereis seus servos. Naquele dia clamareis por causa

do vosso rei, que vós mesmos escolhestes, mas o Senhor não vos ouvirá naquele dia. Porém o povo recusou obedecer à voz de Samuel; e disse: Não; mas teremos sobre nós um rei; para que sejamos também como todas as nações; e para que o nosso rei nos julgue, e saia adiante de nós, e combata as nossas batalhas. E Samuel ouviu todas as palavras do povo e as repetiu aos ouvidos do Senhor. Então o Senhor disse a Samuel: Atende à sua voz e constitui-lhes um rei. E Samuel disse aos homens de Israel: Ide cada um à sua cidade. 1 Samuel 8:5-22.

Nesta passagem, o Israel antigo rejeitou Deus como seu rei, e a história aponta para o tempo em que proclamaram que não tinham outro rei senão César. Rejeitaram a teocracia de Deus e insistiram que lhes fosse dado um rei do seu próprio povo, apenas para, por fim, proclamarem que o seu rei era um rei romano. O rei romano nos últimos dias é o papa de Roma.

Mas eles clamavam: Fora com ele, fora com ele; crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso Rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei senão César. João 19:15.

A rejeição da teocracia foi tão ofensiva e pessoal para Samuel que ele a entendeu como uma rejeição de seu ofício profético. Mas Deus fez questão de que Samuel entendesse que a rejeição deles era contra Deus, e não contra o profeta. Essas duas passagens, que expõem a relação profética de Moisés e Samuel com a rebelião do antigo Israel, mostram que a punição pela rebelião que se seguiu não foi o fim para o antigo Israel. Ainda havia um grupo, representado por Josué e Calebe, que entraria na Terra Prometida e, na história de Samuel, o fim do antigo Israel deu-se na conclusão dos reis de Israel, não no início.

Moisés argumentou com Deus para que continuasse a lidar com o antigo Israel, pois Moisés ponderou que dar-lhes um fim naquele momento deturparia a história sagrada da libertação de Seu povo e Sua promessa de conduzi-los à terra que Deus prometera a Abraão. O ponto aqui é que Deus escolhe permitir que a rebelião tanto ocorra quanto prossiga quando Ele tenciona usar essa rebelião como testemunho da verdade.

A atitude de justa indignação manifestada por Samuel também foi manifestada por Ellen White.

Jamais antes eu vi entre o nosso povo uma autocomplacência tão firme e uma relutância em aceitar e reconhecer a luz como a que se manifestou em Minneapolis. Foi-me mostrado que nenhum dos que acalentaram o espírito manifestado naquela reunião tornaria a ter luz clara para discernir a preciosidade da verdade enviada a eles do céu, até que humilhassem seu orgulho e confessassem que não eram movidos pelo Espírito de Deus, mas que suas mentes e corações estavam cheios de preconceito. O Senhor desejava aproximar-se deles, abençoá-los e curá-los de seus desvios, mas eles não quiseram dar ouvidos. Eram movidos pelo mesmo espírito que inspirou Korah, Dathan e Abiram. Aqueles homens de Israel estavam determinados a resistir a toda evidência que demonstrasse que estavam errados, e seguiram adiante em seu curso de dissidência até que muitos foram atraídos a unir-se a eles.

Quem eram estes? Não eram os fracos, nem os ignorantes, nem os não iluminados. Naquela rebelião havia duzentos e cinquenta príncipes famosos na congregação, homens de renome. Qual era o seu testemunho? 'toda a congregação é santa, cada um deles, e o Senhor está no

meio deles; por que, pois, vos elevais acima da congregação do Senhor?' [Números 16:3]. Quando Corá e seus companheiros pereceram sob o juízo de Deus, o povo a quem haviam enganado não viu a mão do Senhor nesse milagre. Toda a congregação, na manhã seguinte, acusou Moisés e Arão: 'Vós matastes o povo do Senhor' [verso 41], e a praga caiu sobre a congregação, e mais de quatorze mil pereceram.

Quando me propus a deixar Minneapolis, o anjo do Senhor pôs-se ao meu lado e disse: 'De modo nenhum; Deus tem uma obra para fazeres neste lugar. O povo está repetindo a rebelião de Corá, Datã e Abirão. Eu te pus na tua devida posição, a qual os que não estão na luz não reconhecerão; não darão ouvidos ao teu testemunho; mas Eu estarei contigo; Minha graça e Meu poder te sustentarão. Não é a ti que estão desprezando, mas aos mensageiros e à mensagem que envio ao Meu povo. Eles têm mostrado desprezo pela palavra do Senhor. Satanás lhes cegou os olhos e perverteu o juízo; e, a menos que toda alma se arrependa deste seu pecado, desta independência não santificada que está insultando o Espírito de Deus, andarão em trevas. Eu removerei o candeeiro do seu lugar, a não ser que se arrependam e se convertam, para que Eu os cure. Eles obscureceram a sua visão espiritual. Não querem que Deus manifeste o Seu Espírito e o Seu poder; pois têm um espírito de zombaria e repulsa à Minha palavra. Leviandade, futilidade, zombarias e gracejos são praticados diariamente. Não dispuseram o coração para Me buscar. Andam nas faíscas do fogo que eles mesmos acenderam e, a menos que se arrependam, se deitarão em tristeza. Assim diz o Senhor: Permanece no teu posto de dever; pois Eu estou contigo e não te deixarei nem te desampararei.' Estas palavras de Deus eu não ousei desconsiderar. Os Materiais de 1888, 1067.

Irmã White assumiu uma postura semelhante à de Samuel e foi-lhe dito que permanecesse com os rebeldes e sua rebelião e “permanecesse no” “posto” do seu “dever”. Foi-lhe ordenado que permanecesse em seu posto, depois que ela (a profetisa) havia determinado deixar os rebeldes e sua rebelião entregues a si mesmos.

A regra da primeira menção, que é um componente principal do princípio do Alfa e Ômega, identifica que a primeira vez em que um assunto é mencionado é de suprema importância. Ligado ao próprio início da rebelião de Lúcifer estava o fato de que, se Deus tivesse querido, Ele tinha todo o poder necessário para eliminar Lúcifer no exato primeiro pensamento egoísta que se originara na mente de Lúcifer. Deus poderia ter removido Lúcifer da criação e Ele tem o poder de, se assim tivesse escolhido, fazê-lo de tal maneira que nenhum outro anjo sequer soubesse o que havia acontecido. Claro, Ele não fez isso, pois, entre outras coisas, teria sido uma negação de Seu caráter, mas Ele possui o poder criativo que Lhe teria permitido fazer exatamente isso. Mas Ele não o fez. Ele pacientemente permitiu que a rebelião se tornasse parte do testemunho de Seu caráter, parte do testemunho da controvérsia que começara no céu e que, por fim, viria à terra. Foi isso que o diálogo de Moisés realizou para o antigo Israel. Deus permitiu que a geração de rebeldes morresse no deserto e usou essa história como um exemplo bíblico para promover as verdades ligadas ao evangelho eterno.

Assim também ocorreu com a rejeição de Deus como rei nos dias de Samuel. Samuel foi instruído a seguir adiante e manter-se em seu posto de dever, a despeito de suas convicções pessoais e de seu conhecimento profético. Esse elemento da supervisão profética e histórica de Deus também é

reconhecido na reconstrução do templo após o cativeiro babilônico. Deus predisse e dirigiu cada elemento dos setenta anos de cativeiro; o retorno a Jerusalém, a reconstrução de Jerusalém, do templo e das ruas e muros. Ele estabeleceu as profecias de tempo que identificavam quando seriam libertos do cativeiro. Ele especificou quantos decretos haveria para marcar o início dos dois mil e trezentos anos. Ele identificou Ciro pelo nome, o rei pagão que iniciaria o processo com o primeiro decreto. Todos os elementos da reconstrução de Jerusalém e do templo foram especificamente identificados, e Ele suscitou homens justos e profetas para realizar a obra.

Apesar de toda a óbvia presciência profética e intervenção divinas, a rebelião que levava ao cativeiro na Babilônia já havia posto fim à Sua presença pessoal com o povo de Deus. A glória da Shekiná nunca voltou ao templo que foi reconstruído. Toda essa história foi empregada para fornecer estrutura profética à história do fim do mundo, embora o templo jamais voltasse a ser abençoado pela presença da Shekiná no Lugar Santíssimo. Nesse sentido, o templo que foi reconstruído era testemunho não da presença de Deus, mas da rebelião de Israel. Todavia, os profetas daquela história, assim como Samuel e a Irmã White em Minneapolis, continuaram a servir na qualidade de profetas.

A rebelião de Lúcifer é a primeira coisa mencionada na grande controvérsia entre Cristo e Satanás, e Deus permitiu que a rebelião continuasse para Seus próprios propósitos. Samuel, apesar de sua justa indignação contra o desejo de Israel de ser como as outras nações, foi instruído a participar da unção dos dois primeiros reis. E os profetas de Deus participaram da reconstrução do templo de Deus, o templo que nunca mais teria a presença shekinah de Deus.

Aqueles que empregam seus "pratos de fábulas" contra a Palavra profética, numa tentativa de encobrir a rebelião do Adventismo em 1863, e que optam por basear seu argumento na lógica de que, se algo tivesse acontecido de errado em 1863, a profetisa o teria proibido, são deliberadamente ignorantes do primeiro princípio que é identificado logo na primeira menção de rebelião contra Deus. Deus permite a rebelião para Seus próprios propósitos e, se Ele escolher que Seus profetas permaneçam neutros ou em silêncio nas rebeliões que possam surgir, essa é Sua escolha.

Ao começarmos a considerar o processo de provação de 1844 a 1863, que foi tipificado pelas dez provas nas quais o antigo Israel falhou depois que atravessou o Mar Vermelho, é essencial entender este fato bíblico. Os profetas de Deus atuam como Seus profetas em tempos de obediência e de desobediência e, por vezes, não protestam contra questões que, à primeira vista, pareceriam ser algo contra o qual se esperaria que um profeta protestasse. Às vezes, eles estão claramente cientes da rebelião, mas são contidos; em outras, o Senhor coloca Sua mão sobre os olhos deles em relação à rebelião. Quando essa perspectiva é reconhecida, 1863 torna-se um marco significativo na história do sexto reino da profecia bíblica, tanto para o chifre do Protestantismo quanto para o chifre do Republicanismo.

Também falei por meio dos profetas, multipliquei visões e, pelo ministério dos profetas, usei comparações. Oséias 12:10.